

Visão

03-10-2013

Periodicidade: Semanal

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 132725

Temática: Política

Dimensão: 227

Imagem: S/Cor

Página (s): 16/17

**Luís Amado**

A realidade de novo

Depois das eleições, a realidade está de volta. A *troika* anda por aí, há já algumas semanas, para que não nos esquecêssemos dela. As eleições autárquicas centram-se na realidade local e, como é normal, os problemas do País e da Europa estiveram relativamente ausentes do debate político das últimas semanas. Também por isso, o seu resultado não põe em causa a legitimidade do Governo, como acontece em qualquer democracia. A última coisa que nos faltava era mais uma crise política, depois de os acontecimentos do verão terem deixado marcas na credibilidade externa do Governo e do País.

Com uma dívida nos 125% do PIB, um crescimento económico incipiente e os mercados fechados, é cada vez mais difícil poder garantir o financiamento do Estado, a partir do próximo ano, sem medidas extraordinárias. Por isso, o problema orçamental, o défice, é ainda o principal problema do País e a elaboração do Orçamento para o próximo ano um exercício quase impossível,

uma quadratura do círculo, dados os constrangimentos conhecidos: os objetivos do programa de ajustamento, as últimas decisões do Tribunal Constitucional, a avaliação da *troika*... Para além das divisões na maioria.

É cada vez mais difícil poder garantir o financiamento do Estado, a partir do próximo ano, sem medidas extraordinárias. Por isso o défice é ainda o principal problema do País e a elaboração do Orçamento para o próximo ano um exercício quase impossível



GONÇALO ROSA DA SILVA

EM PRINCÍPIO, A PARTIR DE JUNHO do próximo ano, o País deveria voltar de novo a financiar-se em condições normais, mas isso não parece agora possível. Nos últimos meses, o Governo perdeu muita da credibilidade que tinha conseguido, com a última e surpreendente crise política e as circunstâncias que a rodearam. Os mercados desconfiam da capacidade e da vontade do Governo de cumprir as metas orçamentais com que se comprometeu e, por isso, as taxas de juro voltaram a subir para níveis insustentáveis.

Durante muito tempo, a situação interna era má, mas a imagem externa era positiva, o que nos afastava da situação da Grécia. Mas, agora, apesar dos primeiros sinais de recuperação económica, a expectativa dos mercados deteriorou-se e a emergência da questão da reestruturação da dívida portuguesa passou a ser uma referência fatal para a normalização

Visão

03-10-2013

Periodicidade: Semanal**Classe:** Informação Geral**Âmbito:** Nacional**Tiragem:** 132725**Temática:** Política**Dimensão:** 227**Imagem:** S/Cor**Página (s):** 16/17

do problema do financiamento, no calendário previsto. O que se passou com a situação portuguesa, nos últimos meses, e com a Itália e os EUA, nas últimas semanas, revela bem a importância decisiva dos fatores políticos no comportamento dos mercados, que, por sua vez, se reflete numa espécie de confronto virtual entre o poder invisível destes e os sistemas políticos democráticos.

SE, NO ÚLTIMO ANO, a situação europeia tem vindo a melhorar, com os primeiros sinais de retoma da economia, os fatores de incerteza e de instabilidade na Zona Euro são muitos ainda e, por isso, nada nos garante que a crise de confiança que abalou a Europa nos últimos tempos esteja definitivamente ultrapassada. Não está. Quais são os limites de resistência das democracias do Sul da Europa ao processo de empobrecimento, ao desemprego e à austeridade? Sem inflação e sem crescimento, recorrendo apenas a um programa brutal de desvalorização interna, até que ponto limite é possível garantir a estabilidade social e a estabilidade política? Ninguém sabe. 